

**FRUTOS DE UMA SAFRA BASTANTE GENEROSA:
APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ “RELAÇÕES DE GÊNERO,
HISTÓRIA, EDUCAÇÃO E EPISTEMOLOGIAS FEMINISTAS”**

Algumas ideias rendem frutos como árvores que florescem quando bem cuidadas. A reunião de pessoas engajadas, animadas e dispostas mostra que a vida acadêmica pode ser parte de um ciclo agradável de convivência e bons encontros.

O dossiê “Relações de gênero, História, Educação e Epistemologias Feministas” é fruto do I Encontro Centro-Oeste de História e Estudos de Gênero que aconteceu em Setembro de 2014 nas dependências da Universidade Federal de Goiás/Regional Goiânia. O evento buscou reunir pesquisadoras e pesquisadores da área de gênero numa integração e debate de pesquisas sobre questões de gênero na região Centro-Oeste envolvendo pesquisas que discutiam a imagem do feminino/masculino e suas representações na literatura, nas utopias do século XIX, na publicidade, ensino, artes visuais e demais fontes da pesquisa histórica.

Neste encontro foi possível discutir diferentes abordagens e temáticas em ações e temporalidades que envolvem a categoria de gênero como parte de uma forma de entendimento das relações que se estabelecem socialmente, culturalmente e politicamente e, portanto, cujo entendimento enriquece o campo da História, uma vez que o jogo do simbólico estrutural se forma sob a égide generificada dos corpos marcados em sociedade. Gênero é o elemento primário das relações sociais divididas e percebidas entres os sexos e é, portanto, uma categoria fundamental para a análise no campo da história e do poder.

O presente dossiê é mais uma produção desse grupo que agora se apresenta com artigos interessantes e produções inquietantes nas mais diversas perspectivas possíveis na temática de gênero. Análises e diálogos entre os textos se estabelecem pelos seus interesses que interpenetram e pelas discussões que são suscitadas pela área.

Diva do Couto Muniz abre o Dossiê apresentando uma reflexão histórica, intitulada “Feminismos, epistemologia feminista e História das Mulheres: leituras cruzadas”, que aborda os caminhos do domínio do campo historiográfico no Brasil em um esforço de apresentar as formas pelas quais as mulheres se tornaram sujeitos dentro dos discursos da História.

“Os lugares da História Oral e da Memória nos Estudos de Gênero”, de Losandro Tedeschi, apresenta a inquietação da utilização da história oral como ferramenta metodológica para a investigação da História das Mulheres e como recurso para os estudos de gênero. Por meio da voz feminina e de suas experiências é possível romper com o silenciamento da historiografia e mostrar sua representatividade. Ampliando a discussão teórico-metodológica para o espaço educacional, Ana Carolina Eiras Coelho Soares escreve o artigo “Olhares de gênero na perspectiva escolar”. Nesse texto busco pensar a dificuldade de aceitação ainda presente nas Universidades e nas escolas do uso do conceito de gênero na sala de aula. A consolidação do campo teórico dos estudos de gênero passa pelo reconhecimento entre os pares e há ainda muita resistência e silenciamento nos dias atuais.

Dificuldades de reconhecimento e lutas são falas constantes que perpassam esse dossiê. A preocupação com os silêncios na história está presente também no belo texto de Maria Meire Carvalho: “Mulheres na Marcha da Coluna Prestes: Histórias que não nos contaram”. Neste texto a autora apresenta a participação das vivandeiras que povoam a memória dos ex-combatentes. Para isso, ela teve que romper com a historiografia clássica e se ater a novas formas de pensar a história e se perceber as escrituras do passado.

Neste mesmo sentido, Ana Maria Colling com “50 anos da Ditadura no Brasil: questões feministas e de gênero” questiona a história política brasileira e o apagamento da ação política das mulheres durante a Ditadura Militar no Brasil. A invisibilidade do feminino e das lutas feministas, como mostra a autora, faz parte do jogo de poder do gênero e deve ser problematizada. Silêncios, silenciamentos. Falas presentes em quase todos os trabalhos aqui apresentados.

Nos três textos seguintes as autoras nos falam das mulheres e das relações de gênero na região Centro-Oeste e parte da região Norte do país. Jaqueline Zarbato apresenta em “As configurações urbanas e as trajetórias de mulheres: refletindo sobre as questões de gênero.” um panorama da violência contra a mulher na cidade de Três Lagoas no Mato Grosso do Sul. No artigo ela busca pensar nas ações que possam dar algum tipo de empoderamento feminino discutindo as razões que levaram ao exponencial avanço estatístico urbano dos dados acerca da violência. Do Mato Grosso do Sul ao Tocantins, Temis Parente – a nossa convidada do Norte – escreve “Gênero e (in)sustentabilidade de mulheres nos reassentamentos rurais da Usina Hidrelétrica de Estreito – Tocantins” a respeito das comunidades reassentadas por ocasião da construção da Usina Hidrelétrica de Estreito. Parente busca pensar nas falas de mulheres e homens as formas de viver e o cotidiano afetado dessas comunidades que passam por essa nova configuração urbana. Fechando este bloco, Maria do Espírito Santo traz um relato de vida em “Gênero e Envelhecimento: a história de vida de uma sertaneja” a respeito de Dona Amanda – nome fictício – uma sertaneja que se muda e vive no interior de Goiás. É um belo ensaio sobre o cotidiano e o resgate de falas e memórias femininas.

Depois do relato das memórias femininas de uma sertaneja do interior de Goiás, fechando o dossiê, somos levadas/os a pensar as representações sobre o feminino/masculino em duas linguagens distintas: o cinema e as artes visuais.

Alcilene Cavalcante vai (e nos leva) ao cinema em “A problematização de gênero em *Os homens que eu tive* (1973): filme de Tereza Trautman”. A autora nos fala como esse objeto cultural repleto de ideias, valores e práticas, foi produzido e pensado em termos de representações de gênero por Tereza Trautman. Em plena ditadura militar em 1973, o filme traz para cena questões das desigualdades entre os gêneros. A análise de Cavalcante – para não contar o final – busca pensar não apenas seu texto e seu contexto.

Abordando a temática em outro objeto cultural, Ana Maria Marques em “Ensinando história e estudando gênero através de quadros históricos de Moacyr Freitas e Antônio Parreiras”, por meio do ensino, memória e História Visual seleciona quadros destes autores e realiza um excelente trabalho de investigação das pinturas que em tempos e lugares diferentes apresentam discursos e narrativas sobre mulheres e homens na História. Thiago Sant’Anna continua o debate sobre ensino com “Relações de Gênero e Ensino de História:

(in)visibilidades na escolarização de meninos e meninas na Província de Goiás (1827-1889)” nos levando para o século XIX e para o estudo das narrativas e regras de um livro didático em Goiás. As possibilidades e as fontes de análise histórica de gênero se descortinam na diversidade aqui apresentada.

Na seção artigos temos uma diversidade de trabalhos cujo abre-alas, mesmo sem usar o conceito de gênero encontra-se em sintonia com as discussões sobre representações de feminino/masculino. Trata-se de “Um Nelore para não sair de uma Briga: a cultura da Valentia em Goiás”, texto de Eliézer Cardoso Oliveira. O autor aborda a questão da identidade cultural goiana a partir da construção das representações de valentia e violência, mas que adquire características peculiares como a tocaia no sertão de acordo com a análise de autores regionalistas. Em seguida, Antonio A. Brunetta traz uma análise sobre a formação policial militar a partir do referencial foucaultiano, em uma pesquisa que analisa diferentes escolas de formação a polícia de São Paulo. Em seu artigo “Apreciação da formação policial sob o modelo foucaultiano”, o autor produz uma reflexão sobre a questão da disciplina e as expressões críticas da dimensão do poder.

Caroline Pacievitch e Luis Fernando Cerri, em “Professores de História e sua relação com a política: uma abordagem comparativa na América do Sul”, mostram uma pesquisa estatística com 288 professores sobre seus interesses a respeito de história e política. A pesquisa, que é parte do projeto “Jovens e História no MERCOSUL”, visa a oferecer uma perspectiva dos diferentes países: Brasil, Argentina, Chile, Uruguai e Paraguai, de jovens e professores sobre as diferenças entre a história vivida e a ensinada.

Para fechar esse número da OPSIS trazemos a publicação do artigo de Joan Scott intitulado “Emancipação e igualdade: uma genealogia crítica”. Ao discutir os conceitos de emancipação e igualdade e mostrar que ambos caminham como coisas diferentes em termos políticos e culturais, Joan Scott apresenta um panorama bastante complexo do mundo contemporâneo que, em diversas situações, cria conflitos e contradições discursivas para as mulheres e as minorias.

É no comprometimento com a realização de mudanças, do não silenciamento e na visibilização social dos discursos, paradoxos e contradições culturais que os pesquisadoras/es de gênero estão e são engajados. Convido a todas/os para a leitura de textos instigantes, pujantes e plenos de vida!

SETEMBRO DE 2015

ANA CAROLINA EIRAS COELHO SOARES*

* Bolsista pós-doc da FAPEG/CAPES do PPGAS/UNB, Professora do Programa de Pós-Graduação em História/Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, Coordenadora do GT Regional de Gênero - Seção Goiás, Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero/FH-UFG/CNPq.